



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

**Uma análise folkcomunicação sobre o samba-enredo
da escola de samba Unidos de Vila Maria no Carnaval
de 2017**

OLIVEIRA, Gustavo Felipe de Andrade¹
LUCENA FILHO, Severino Alves de²

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi o de analisar os elementos folkcomunicação presentes no samba-enredo da escola de samba Unidos de Vila Maria, no Carnaval de 2017, quando a agremiação prestou sua homenagem aos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Metodologicamente, trata-se de um estudo de caso, no qual foram utilizadas entrevistas e bibliografia para reunir informações sobre a história do Carnaval e do samba paulistanos, a presença de santos católicos em desfiles carnavalescos, bem como os discursos dos grupos marginalizados, tanto urbanos quanto rurais, presentes na composição.

Palavras-chaves: Carnaval; Nossa Senhora Aparecida; escola de samba; folkcomunicação.

Introdução

Considerando o amplo contexto em que se deu a homenagem que a escola de samba Unidos de Vila Maria prestou à Nossa Senhora Aparecida, durante o Carnaval paulista de 2017, o presente artigo se enfocará apenas em analisar o samba-enredo, do ponto de vista folkcomunicação. Para tanto, a pesquisa parte de uma contextualização acerca desta festa popular marginalizada, da Antiguidade aos dias atuais, apontando, inclusive que, embora durante muito tempo tenha sido considerada pagã, a folia foi incorporada ao calendário religioso da Igreja Católica, durante a Idade Média, um dos assuntos discutidos no primeiro subtítulo. Além deste aspecto, são mencionadas as origens do Carnaval de São Paulo e suas diferenças com o do Rio de Janeiro, no que diz respeito à musicalidade e à dança. Discute-se, ainda, as influências culturais tanto dos públicos marginalizados rurais quanto urbanos e as dicotomias sociais presentes na primeira metade do século XX, em São Paulo.

Já que a Unidos de Vila Maria foi a primeira e única agremiação carnavalesca da história a receber um termo de ciência e acompanhamento da Igreja Católica brasileira, para realizar um desfile em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, o tema do

¹ Bacharel do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM. E-mail: gusi_oliveira@hotmail.com.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação - PÓSMEEX – UFRPE. Integrante da Rede Brasileira de Folkcomunicação.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

segundo subtítulo são os problemas que já ocorrem com escolas de samba fluminenses, que apresentaram santos e símbolos católicos e chegaram, inclusive, a receber algum tipo de advertência ou censura, seja pelos fiéis e autoridades eclesiais, seja pelo próprio povo.

O terceiro e último subtítulo conta sobre como foi o trabalho realizado pela Unidos de Vila Maria, nos preparativos, iniciado três anos antes, bem como no diálogo com a Arquidiocese de São Paulo e o Santuário Nacional de Aparecida, para a elaboração do desfile e a ausência de quaisquer elementos que pudessem ofender a fé de milhares de brasileiros. Há espaço, também neste terceiro subtítulo, para comparar os enredos apresentados pela escola nos últimos dez anos, o que justifica a afirmação de que foi a primeira vez tanto para a agremiação quanto para o Carnaval brasileiro, que se falou exclusivamente dos 300 anos de história de Nossa Senhora Aparecida, em 65 minutos.

São registrados alguns trechos do samba-enredo composto por Leandro Rato, Zé Paulo Sierra, Almir Mendonça, Vinicius Ferreira, Zé Boy e Silas Augusto, que revelam as condições de vida dos públicos marginalizados, em momentos de súplica, entrega de ex-votos como pagamento de promessas, a ajuda de Nossa Senhora no processo de Independência do Brasil e a libertação dos escravos, e a imagem da fé como salvação para os dilemas sociais enfrentados.

1. Carnaval, festa de um povo marginalizado

Quando se disseminou na imprensa a notícia de que a Igreja Católica brasileira havia concedido, pela primeira vez na história, um termo de ciência e acompanhamento para a realização de um desfile carnavalesco, que prestaria homenagem a Nossa Senhora Aparecida, como ocorreu com a escola de samba Unidos de Vila Maria, em 2017, as reações do público foram das mais diversas.

Embora pertencente ao calendário religioso católico, antecedendo a quaresma, período que remonta aos quarenta dias que Jesus passou no deserto a caminho de sua crucificação e morte, o Carnaval sempre foi visto mundo afora, inclusive pela própria Igreja, como uma festa profana, pagã e demoníaca. Moraes Filho, 1979 *apud* Poel



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

(2013, p. 182) comenta a respeito de uma carta escrita pelo Papa Inocêncio III (1160-1216) em que ele condenava as celebrações.

Dão-se algumas vezes nas igrejas espetáculos e divertimentos de teatro, e não somente introduzem nesses espetáculos e nesses divertimentos monstros mascarados, mas ainda em certas festas os diáconos, os padres e os subdiáconos permitem-se a liberdade de fazer toda casta de loucura e palhaçadas. [...] Eu vos conjuro a exterminar este costume. (MORAES FILHO, 1979, p. 26 *apud* POEL, 2013, p. 182)

No século XVI, Poel (2013, p. 182) lembra que foi a vez dos protestantes acabarem com o Carnaval onde puderam. Apesar disso, a festa continuou a acontecer em países católicos da Península Ibérica, como Itália, França e Portugal. Aliás, não fosse a colonização portuguesa, não haveria Carnaval no Brasil, pois foram os portugueses os responsáveis por trazer o jogo do entrudo – costume que consistia em jogar água, pós, cinzas, líquidos imundos ou perfumes sobre quem passasse por perto – ao país.

Foi o entrudo que fez nascer o Carnaval em São Paulo. Mas, devido à formação da burguesia criada pela expansão cafeeira e a tentativa das classes mais abastadas de reproduzir o modo europeu entre as suas festividades, ele foi relegado às regiões periféricas e camadas mais pobres da sociedade, como lembra Simson (2007, p. 22-23).

Dessa dicotomia social surgiam, naquele momento, o grande carnaval – elitizado, também chamado de Carnaval veneziano, com festas em salões e bailes de máscaras – e o pequeno carnaval – que mesclava as brincadeiras, religiosidades e ritmos dos portugueses, negros e indígenas, e se formava nas ruas, berço dos blocos, ranchos, cordões³ e escolas de samba.

Nesse contexto em que surge o Carnaval paulistano, com os negros que se divertiam nos bairros da Barra Funda, Bela Vista e Baixada do Glicério ou os imigrantes, que se encontravam na região do Brás, é possível afirmarmos que tais

³ O nome “cordão” foi criado nas primeiras épocas do Carnaval paulistano, quando os foliões utilizavam cordas para delimitar os grupos que eram iluminados por fogos de artifício que cheiravam enxofre, como lembra Carvalho (2009).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

festividades reuniam o que Luiz Beltrão considerou, em sua teoria da folkcomunicação⁴, como os grupos urbanos marginalizados⁵.

O que se vê é que, diferentemente do Rio de Janeiro, em que o samba teve origens urbanas⁶, o samba paulistano teve sua origem, segundo Mestrinel (2010), no estilo de vida caipira. Mário de Andrade (1965), em sua obra intitulada “Aspectos da Música Brasileira”, afirmou que o samba rural paulista teve início entre os negros de Pirapora do Bom Jesus. Segundo ele, a chegada do samba, do interior à capital, foi ocasionada pela reação dos padres e a repressão policial, já que a dança apresentava traços sensuais e havia o consumo de bebidas alcoólicas durante os encontros, compartilhadas entre todos pelo “dono-do-samba”, espécie de chefe ou líder das rodas. No que diz respeito ao estilo de se dançar o samba, Mário de Andrade (1965), novamente, diz que São Paulo foi marcado pela marcha-sambada⁷.

Os primeiros sambas rurais, mais tarde, serviram de base às escolas de samba e principais agremiações da capital, que surgiram na década de 1930. A pioneira foi a “Primeira de São Paulo”. Mas, por ter sido oficializada em cartório, considera-se a “Lavapés”, fundada por uma negra chamada Madrinha Eunice e por Chico Pinga, no bairro da Liberdade, de acordo com Mestrinel (2010, p. 4).

A escola de samba Unidos de Vila Maria, da qual falaremos mais adiante, formou-se a partir de um grupo de amigos (Benedicto Nascimento, o Dito Caipira; João Pentead, o Xangô da Vila Maria; Zezinho de Vila Maria e Valdete Brandão), em 1950,

⁴ De acordo com Beltrão (1980), a folkcomunicação é um processo artesanal e horizontal de comunicação interpessoal, em que as mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, psicológica e vivencialmente conhecida pela comunidade.

⁵ Os grupos urbanos marginalizados são formados por pessoas com baixo poder aquisitivo, devido à baixa renda, que residem em aglomerados de moradias, como favelas, cortiços ou terrenos baldios, nos bairros periféricos das cidades ou regiões metropolitanas, e são sub-informados ou equivocadamente informados, conforme Beltrão (1980).

⁶ Ainda há muitas controvérsias quanto ao nascimento do samba carioca. O consenso entre os estudiosos é de que ele provém dos ritmos trazidos pelas mães-de-santo baianas ao Rio de Janeiro. O primeiro samba a ser gravado no País foi a canção “Pelo telephone”, registrada por Donga, em 1916. Ferreira (2004, p. 329) considera, portanto, que “o ritmo seria filho legítimo do espaço urbano.”

⁷ Baronetti (2013, p. 144) cita uma entrevista com Dionísio Barboza (fundador do primeiro cordão carnavalesco de São Paulo, o “Cordão da Barra Funda”, criado em 1914, e do qual só participavam homens), concedida aos pesquisadores Olga von Simson e José Ramos Tinhorão, na qual ele explica que a marcha-sambada provém dos desfiles realizados pelas bandas militares.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

e foi oficializada em cartório no dia 10 de janeiro de 1954, com o nome de Grêmio Recreativo Cultural Social Unidos de Vila Maria⁸, o qual é mantido até hoje.

O Carnaval de São Paulo, propriamente dito, só foi oficializado em 1968, pelo prefeito José Vicente Faria Lima, o brigadeiro Faria Lima. Este trabalho iniciado pela autoridade, na década de 1960, conferiu maior respeito e legitimidade às agremiações.

Na década seguinte, em 1973, foi criada a União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP), com o objetivo de representar as escolas nas negociações com o poder público, em questões como a criação de sedes e estatutos. Já em 1977, criou-se o Departamento de Coordenação Organizadora de Carnaval (COC), subordinado à Secretaria do Turismo, que fez a migração do Carnaval do Vale do Anhangabaú para a Avenida Tiradentes.

Em 19 de junho de 1986, formou-se a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, com o objetivo de servir de organização para planejar, estruturar e executar o desenvolvimento dos desfiles, promover cultura e lazer, além de gerar emprego e negócios à cidade.

Cinco anos mais tarde, em 1º de fevereiro de 1991, o Sambódromo do Anhembi (Polo Cultural e Esportivo Grande Otelo), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, foi entregue pela prefeita Luiza Erundina à população. É neste espaço, com 100 mil m² de área total, 10 arquibancadas, pista, camarote, camarim e duas arenas para shows, onde as entidades carnavalescas fazem os seus desfiles.

Para se ter uma ideia da dimensão dos desfiles carnavalescos em São Paulo, o Anhembi recebeu, apenas em 2017, um total de 120 mil pessoas. Desse número, 90 mil assistiram às apresentações das escolas do Grupo Especial⁹, nas noites de 24 e 25 de fevereiro. Os outros 30 mil espectadores assistiram aos desfiles do Grupo de Acesso, em

⁸ MOURA, Carolina Garrido *et al.* **Unidos na comunicação: Vila Maria nota 10**. São Paulo: FAPCOM, 2011.

⁹ A Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, em 2018, passou a ser responsável por 34 agremiações, já que foi incorporado à conta o antigo Grupo 1 da UESP, atual Grupo de Acesso 2, que reúne 12 escolas. Além dessas, há 14 entidades do Grupo Especial e 8 do Grupo de Acesso.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

26 de fevereiro, e das entidades filiadas à UESP, em 27 de fevereiro. Segundo a SPTuris¹⁰, nesse ano, a folia movimentou R\$ 750 milhões na economia da capital.

Após esse breve histórico acerca da formação do Carnaval e do samba no Estado de São Paulo, é interessante apontarmos as implicações que os enredos com temas ligados à Igreja Católica geraram para algumas agremiações, para então discutirmos o trabalho desempenhado pela Unidos de Vila Maria na construção do enredo e samba-enredo, em sua apresentação no ano de 2017.

2. Os santos no samba

Muito embora o enredo “Aparecida – A Rainha do Brasil: 300 anos de amor e fé no coração do povo brasileiro”, assinado pelo carnavalesco Sidnei França e apresentado em 2017, tenha recebido, pela primeira vez na história, um termo de ciência e acompanhamento da Igreja Católica, esse não foi o único exemplo da presença de santos católicos em desfiles carnavalescos.

O apoio da Igreja Católica foi uma maneira encontrada pela entidade de evitar quaisquer problemas que pudessem causar polêmicas ou ofender a fé de milhares de brasileiros, haja vista o que ocorreu durante a apresentação da Beija-Flor de Nilópolis, no Rio de Janeiro, em 1989, quando o carnavalesco Joãozinho Trinta teve um de seus carros alegóricos censurado pela justiça e coberto com sacos plásticos. “O Cristo Mendigo”, representação da famosa estátua do Cristo Redentor, entrou na avenida, mas veio com uma faixa onde havia escrito: “Mesmo censurado, olhai por nós”.

Antes mesmo de “O Cristo Mendigo” aparecer em meio ao enredo “Ratos e urubus... Larguem minha fantasia”, em 1975, a Unidos de São Carlos, atual Estácio de Sá, também foi alvo de críticas e ameaças. Seu enredo “A Festa do Círio de Nazaré”¹¹,

¹⁰ Release do Carnaval de São Paulo 2017. Disponível em: http://imprensa.spturis.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Release_Carnaval_2017.pdf. Acesso em: 07 de mar. 2017.

¹¹ Aqui é interessante falarmos, apenas à título de curiosidade, que o culto a Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, apresenta algumas semelhanças com o de Nossa Senhora Aparecida. Segundo muitos fiéis, a imagem de madeira foi encontrada dentro da orla da Floresta Amazônica por um mestiço, filho de índia com português, chamado Plácido. Assim como Aparecida, que representa a resistência dos negros, com o milagre em que as correntes do escravo Zacarias caíram, a santa paraense mostra a resistência do povo indígena.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

do carnavalesco Almir Silva, chegou a receber a proibição do vigário da Basílica de Nazaré, padre Giovani Incampo.

Segundo o jornal Extra¹², o sacerdote considerou “ofensivo aos sentimentos religiosos do povo paraense”, por retratar algo sagrado em uma festa profana. Mas, como a agremiação seguiu todas as orientações da Arquidiocese do Rio de Janeiro, os apelos não tiveram nenhuma força e houve o desfile na Avenida Presidente Antônio Carlos, pois ainda não havia sido construído, naquela época, o Sambódromo Marquês de Sapucaí.

Em 2016, outra escola fluminense, a Estácio de Sá, apresentou o enredo “Salve Jorge! O Guerreiro na fé”, o qual teve o apoio do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani Tempesta. Matéria publicada no site “*sambarazzo.com.br*”¹³ apresenta a carta escrita por Dom Orani, em 1º de março, entregue ao presidente da agremiação, Leziário Nascimento. O texto diz o seguinte: “[...] Envio-lhes meus cumprimentos pela sua atuação no Carnaval carioca de 2016, reverenciando o Santo Padroeiro da escola – São Jorge – tão querido pelo povo de nossa cidade. Que ele seja sempre modelo para todos de força na fé e luta nas adversidades. Recorrendo à sua proteção obterão de Jesus Cristo abundantes graças. Concedo-lhes minha bênção, com votos de entusiasmo e empenho no seu trabalho”.

Voltando a São Paulo, também em 2016, a Águia de Ouro usou a imagem de Nossa Senhora Pietá, clássica escultura feita em mármore pelo renascentista Michelangelo, com elementos indígenas como cocar de penas. Assim como os demais enredos apresentados anteriormente, “Ave-Maria cheia de faces”, dos carnavalescos Amarildo Mello e André Martins, teve suas polêmicas ao homenagear o sentimento de feminilidade e maternidade a partir da Virgem Maria, mas não teve dificuldades ou impedimentos para se apresentar.

3. A Unidos de Vila Maria em romaria na avenida

¹² **Igreja do Pará pediu a proibição do desfile do Círio de Nazaré em 1975.** Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico/igreja-do-para-pediu-proibicao-do-desfile-do-cirio-de-nazare-em-1975-15095882.html>>. Acesso em: 09 de mar. 2017.

¹³ **Que bênção! Arcebispo do Rio, Dom Orani escreve carta em apoio à Estácio de Sá.** Disponível em: <<http://sambarazzo.com.br/tag/dom-orani/>>. Acesso em: 14 de abr. 2017.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O trabalho da Unidos de Vila Maria para apresentar a história de devoção à imagem de Nossa Senhora Aparecida teve início em 2014, quando a agremiação protocolou na Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo o interesse no enredo. Posteriormente, em 2015, a entidade procurou uma paróquia de sua comunidade e, com sua ajuda, conseguiu chegar até a Arquidiocese de São Paulo para formalizar o pedido. “Nós fizemos a apresentação do enredo à Arquidiocese, mas houve um tempo de espera porque o Cardeal Arcebispo Dom Odilo Scherer disse que se caso algum cardeal dos demais estados brasileiros fosse contra, nada seria feito”, afirma o publicitário Fabio Fávero, responsável pelo departamento de comunicação da escola, em 2017.

A reunião na Arquidiocese ocorreu em 27 de março de 2015, na qual vários esclarecimentos, da parte da agremiação, foram dados. Por unanimidade, o parecer da Igreja foi favorável, mas alguns critérios tiveram de ser seguidos: 1-) respeito à imagem de Nossa Senhora Aparecida, à fé e à religiosidade do povo católico; 2-) fidelidade aos fatos históricos; 3-) apresentação da genuína piedade mariana católica, sem sincretismos; 4-) decoro, no desfile da escola, sem exposição de nudez; 5-) supervisão dos preparativos pelo Santuário Nacional de Aparecida e pela Arquidiocese de São Paulo.

Antes de nos aprofundarmos no enredo e samba-enredo sobre a santa padroeira do Brasil, é interessante visualizarmos os assuntos apresentados pela escola nos 10 anos anteriores ao desfile em 2017.

Quadro 01 – Enredos de 2007 a 2017 da escola de samba Unidos de Vila Maria:

Ano	Enredo	Carnavalesco	Classificação
2007	“Canta, Encanta com minha história... Cubatão, Rainha das Serras”	Wagner Santos	Vice-campeã (Especial)
2008	“Irashai-mase, milênios de cultura e sabedoria no centenário da imigração japonesa”	Wagner Santos	3º lugar (Especial)
2009	“Da sobrevivência ao luxo, da ilusão à alucinação. Dinheiro, mito, história e realidade”	Wagner Santos	8º lugar (Especial)
2010	“A indústria que manipula o ferro é a mãe de todas as	Fábio Borges	6º lugar



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

	outras”		(Especial)
2011	“Teatro Amazonas: Manaus em cena”	Fábio Borges	3º lugar (Especial)
2012	“A força infinita da criação. Vila Maria feita à mão”	Chico Spinosa	5º lugar (Especial)
2013	“Made in Korea”	Chico Spinosa	14º lugar (Especial)
2014	“Em meus sessenta anos de alegria, sou Vila Maria e faço a festa resgatando do passado brinquedo e brincadeira de criança”	Lucas Pinto	Campeã (Acesso)
2015	“Só os diamantes são eternos na química divina”	Lucas Pinto	10º lugar (Especial)
2016	“A Vila famosa é mais bela, Ilhabela das maravilhas”	Alexandre Louzada	5º lugar (Especial)
2017	“Aparecida – A Rainha do Brasil: 300 anos de amor e fé no coração do povo brasileiro”	Sidnei França	7º lugar (Especial)

Fonte: Pesquisa feita através do site oficial da escola.¹⁴

Por meio da observação e análise dos temas já apresentados pela Unidos de Vila Maria, é possível se afirmar que a entidade prestou homenagem a cidades, como Cubatão, no litoral paulista, Manaus, e países como Japão e Coreia. Nota-se, portanto, que em nenhum desses anos foi apresentado um enredo que tratasse exclusivamente de assuntos ligados à Igreja Católica.

Na noite de 19 de abril de 2016, em coletiva de imprensa realizada na quadra da agremiação, na Zona Norte de São Paulo, o carnavalesco Sidnei França fez a explanação do enredo aos jornalistas e aos compositores que deveriam escrever a letra a ser apresentada no sambódromo do Anhembi.

Por determinação da Liga SP¹⁵, todo desfile deve ter no máximo cinco alegorias. Por isso, o carnavalesco representou cada uma dessas alegorias na forma de orações à Nossa Senhora Aparecida. A prece de abertura (“Cântico da Aparição”), interpretada

¹⁴ Disponível em: <http://www.unidosdevilamaria.com.br/2015/a-vila/nossos-carnavais>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

¹⁵ Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

pela comissão de frente, retratou a descoberta da imagem, em 12 de outubro de 1717, quando três homens – Domingos Martins Garcia, João Alves e Filipe Pedroso – foram pescar no rio Paraíba do Sul, com o objetivo de servir peixes à mesa do governador das províncias de São Paulo e Minas Gerais, o conde de Assumar, que passava pela Vila de Guaratinguetá em busca de ouro. Aqueles três homens acabaram tendo uma pescaria milagrosa, até que na terceira vez em que lançaram a rede, retiraram a imagem de Nossa Senhora das águas escuras do rio¹⁶.

Filipe Pedroso foi quem ficou com a estátua de barro e entregou-a ao filho Atanásio Pedroso, responsável pela construção da primeira capela dedicada à santa, em 1732. Depois disso, novas construções foram feitas, até que o Santuário Nacional de Aparecida se tornasse um dos maiores templos católicos do mundo, séculos depois. Essa expansão do culto foi mostrada na primeira oração (“Cântico de devoção”).

Na segunda oração (“Cântico de luz”), Dom Pedro I aparece rezando a pedido da Independência do País. Há, também, a Família Real, com a princesa Isabel, e o momento em que ela faz a entrega da coroa e do manto azul. O termo “luz” faz referência à coroação.

A terceira prece (“Cântico dos Milagres”) reuniu milagres como o da libertação do escravo Zacarias, o agradecimento dos romeiros e a entrega de ex-votos, por fiéis, na Sala das Promessas.

A penúltima prece (“Cântico de proteção”) mostrou como Nossa Senhora Aparecida se tornou símbolo da identidade nacional, ganhando o título de Padroeira do Brasil, em 1931, após o processo iniciado por Dom Sebastião Leme, à época Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro. Esse trecho do desfile mostrou a identificação e confiança do povo na santa, a tal ponto que ela sempre é lembrada por caminhoneiros, peões de rodeio e fiéis peregrinos, os romeiros.

¹⁶ Os três pescadores tiveram uma pescaria difícil. Sem retirar daquelas águas peixe algum, João Alves tentou outra vez jogar a rede, e viu enrolado ali apenas o corpo de uma estátua de Nossa Senhora da Conceição (representada pela Ala das Baianas) feita de barro; mais adiante, encontrou, também na rede, a cabeça daquela mesma escultura. Depois que cabeça e corpo foram encontrados, a pescaria foi farta. Esse foi o primeiro milagre atribuído à santa.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Por fim, na última prece, veio o “Cântico da paz”, um pedido de paz ao futuro do Brasil e a importância do Santuário Nacional de Aparecida para a preservação da fé do povo brasileiro.

A construção do enredo revela o discurso dos públicos marginalizados, como os pescadores, os escravos, os caminhoneiros, peões de rodeio e fiéis que suplicam à santa melhores condições de vida.

A letra do samba-enredo corrobora esse pensamento. Escrita por Leandro Rato, Zé Paulo Sierra, Almir Mendonça, Vinicius Ferreira, Zé Boy e Silas Augusto, ela traz trechos que chamam a atenção e criam uma ideia de proximidade e identidade com o público.

O refrão mostra que embora haja desigualdade social e outros problemas que afetam o cotidiano de milhares de brasileiros, a fé em Nossa Senhora Aparecida aproxima e se torna um dos instrumentos de resistência que o povo encontra: “Aos teus pés vou me curvar / Senhora de Aparecida / A prece de amor que nos uniu / Salve a Rainha do Brasil.”

Outra parte do samba que merece destaque é a seguinte: “Milagre... / É lindo ver o povo venerando / Pagando promessas em oração / Negra Mãe Divina Liberdade / Do impossível és a salvação”. Observa-se a menção ao milagre do escravo Zacarias, que teve suas correntes retiradas pela santa, como símbolo de liberdade, e a expansão do culto, sobretudo entre os negros, que se identificaram com a santa negra.

Num país tomado por violência, em algumas regiões, os compositores deixam em alguns versos um pedido: “Pátria mãe gentil / Não deixa de exaltar a Padroeira / Pro bem do meu País / Nos dê a paz bendita e verdadeira”.

Na visão de Beltrão (2001, p. 225), o Carnaval se revela como uma fase-clímax da manifestação opinativa do povo.

A opinião do povo explode, igualmente, e com um vigor decisivo, no tríduo carnavalesco. Não apenas nos ditos chistosos, nas fantasias, nos cartazes e estandartes dos clubes, blocos, ranchos, escolas de samba e outros conjuntos momescos; nem unicamente nos carros alegóricos dos chamados “clubes de alegrias e crítica”, como o “Democráticos” e os “Tenentes do Diabo”, do Rio, ou os “Dragões de Momo” e “Anjos Rebeldes”, do Recife, mas, sobretudo, nas letras dos sambas e dos “frevos-canções”, que, por isso mesmo, caem no



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

gosto do povo, são cantados por milhares nos dias e noites do Entrudo. (BELTRÃO, 2001, p. 224)

É possível afirmarmos que a própria Igreja Católica mostrou seu interesse em expor sua opinião no Carnaval, ao evangelizar na “passarela do samba. Embora tenha uma linguagem formal e erudita, ela mostrou que está disposta a “ir ao encontro do povo”, como preconiza o Papa Francisco, no texto da Encíclica *Evangelii Gaudium* (“Alegria do Evangelho”), ao defender a “Evangelização da cultura urbana”, isto é, uma evangelização inculturada, que compreende a realidade e a configuração social de cada época, os anseios do povo, suas linguagens, códigos e símbolos.

Considerações finais

Ao se apropriar da religiosidade católica a escola de samba, com o tema em estudo, foca a teoria da Folkcomunicação, ao contar para milhares de pessoas do Brasil e do mundo, uma história de 300 anos, em apenas 65 minutos de desfile, utilizando-se de uma linguagem clara, simples, que se traduzia na própria letra do samba, nos carros alegóricos e nas fantasias, diferentemente do discurso empregado por sacerdotes nas celebrações litúrgicas, com símbolos e códigos muitas vezes incompreensíveis pela audiência.

A Igreja Católica, sob o pontificado do Papa Francisco, vem se mostrando cada vez mais aberta ao diálogo com os povos e suas culturas. Pertencente aos jesuítas, o argentino Jorge Mario Bergoglio carrega essa herança, assim como o nosso Padre José de Anchieta agiu em respeito aos hábitos e a cultura do indígena, no processo catequético, procurando entender e adaptar sempre o discurso da Igreja à época em que se vive.

Embora tenha alcançado o sétimo lugar no grupo de elite do Carnaval paulistano, a Unidos de Vila Maria deu prova de que é possível o diálogo e o respeito entre uma agremiação carnavalesca e a Igreja Católica, servindo de exemplo a outras escolas.

No desfile de 24 de fevereiro de 2017, a “Vila”, como é conhecida entre seus componentes, levou uma romaria ao Sambódromo do Anhembi, fez o romeiro e o padre



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

entrarem na mesma conversa e se entenderem entre si, mudando a antiga visão que muitos ainda têm de que Carnaval é festa profana e pagã e deve ser combatida pela Igreja.

Sem dúvidas, este foi um caso excepcional, que merece atenção em meio aos estudos em Folkcomunicação, pois confirmam os pensamentos do teórico russo Bakhtin (1987) e do próprio Beltrão (1980), de que o Carnaval é marcado pela abolição das relações hierárquicas, pois todos passam a ser iguais e a ter um contato livre e familiar, mesmo que sejam cotidianamente separados pelas barreiras de suas condições sociais, emprego, idade, orientação sexual, situação familiar, religião etc. Foi possível observar tudo isso na letra do samba, no desenvolvimento do enredo, fantasias e alegorias, construídos em conjunto, entre escola de samba e Igreja.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carla Aparecida de Sousa (Orient.); MOURA, Carolina Garrido dos Reis *et al.* **Unidos na comunicação:** Vila Maria nota 10: Agência Twig Comunicação Integrada. 1. ed. São Paulo: FAPCOM, 2011.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira.** São Paulo: Martins, 1965.

BAKHTIN, Mikahil Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARONETTI, Bruno Sanches. **Da oficialização ao Sambódromo:** Um estudo sobre as escolas de samba de São Paulo (1968-1996). 2013. 397 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1980.

_____, **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BRUSTOLONI, Júlio. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida:** a imagem, o santuário e as romarias. 10. ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.

CALDAS, Waldenyr. **Iniciação à Música Popular Brasileira.** Barueri, SP: Manole, 2010.

CARVALHO, Marizilda de. **Carnaval e samba na terra da garoa.** Textos escolhidos de cultura e arte popular, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 83-96, 2009.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro.** 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MESTRINEL, Francisco de Assis S. **O samba e o Carnaval paulistano.** *Histórica – Revista eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 40, fev. 2010. <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia06/>>. Acesso em: 01 out. 2016.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

POEL, Francisco Van Der. **Dicionário da religiosidade popular:** cultura e religião no Brasil. 1. ed. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **A ordem carnavalesca.** Tempo Social: Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 6, p. 27-45, 1994.

SANTOS, Benedito Beni dos. **Evangelizar com Papa Francisco:** comentário à Evangelii Gaudium. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **Carnaval em branco e negro:** carnaval popular paulistano 1914-1988. Campinas: São Paulo: Imprensa Oficial – EDUSP – UNICAMP, 2007.